



**TEXTO LITERÁRIO:
PERCURSO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA PELO
METÓDO HISTÓRICO-CRÍTICO**

E o que fazer? – Ele me pergunta. Acabar com o especialista – transformar o jovem que sai da escola sem ler um livro, preocupado apenas com os assuntos de sua profissão. Levá-lo à leitura, fazê-lo entender melhor este mundo injusto que devemos modificar. (NIEMEYER, 2007)

CHARLENE FERNANDES OLIVEIRA

Sumário

1 Conhecendo o Método Histórico-Crítico

2 Objetivos

3 O Texto Literário

6 O Laboratório Social Histórico-Crítico

7 Percorrendo pela Sequência Didática

10 Aplicação da Sequência Didática

24 Resultados e Discussões

26 Considerações Finais

27 Referências

1 Conhecendo o Método Histórico-Crítico

O E-book “O texto literário: Percurso da Sequência Didática pelo Método Histórico-Crítico” é um produto do Programa de Pós-graduação em Ensino de Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas de nível: Mestrado Profissional. Este e-book nasce da ideia de se buscar estratégias de ensino-aprendizagem que envolvam estudos com sequência didática do texto literário, de gênero conto “Negrinha”, de Monteiro Lobato. Ele utiliza o referencial teórico da técnica de leitura analítica (SEVERINO, 2002), a forma de estruturar o raciocínio lógico em língua portuguesa (GARCIA, 2000) e a formação acadêmica histórico-crítica (SAVIANI, 2011), tal como o Processo Metodológico Histórico-Crítico de Produção Acadêmica de Maciel e Braga (2008), estes estão ancorados na perspectiva histórico-crítica

A ação docente, seja ela qual for e como for, requer organização e sistematização para que se possa alcançar êxito e maior aprendizagem por parte do corpo discente. Isso posto e, tendo em vista a necessidade de um mecanismo que possa auxiliar na prática pedagógica de professores de língua portuguesa no ensino de leitura e escrita com o texto literário, é que foi estudada a teoria utilizada pelos autores supracitados. O método histórico-crítico foi criado para alunos da graduação por Maciel (2023). Foi produzido em um laboratório pedagógico para o curso de Pós-graduação em Metodologia do Ensino Superior da Universidade Federal de Rondônia - UNIR, entre 2000 e 2007. Nesta pesquisa, este método foi adaptado para alunos da educação básica do ensino fundamental II – turma do 8º ano-.

Assim, o estudante pode usufruir de conhecimentos mais organizados e desenvolvidos, diante da sequência didática produzida, além de construir significações diante do texto literário. Com isso, este livro digital auxiliará professores a trabalharem com o texto literário nas aulas de língua portuguesa, tal como o método abordado incorporando à leitura, reflexão crítica, pesquisa multidisciplinar e outros que veremos ao longo deste trabalho.

2 OBJETIVOS

Os objetivos deste livro digital foram: relatar os resultados de um produto educativo (e-book) nos quais apresentaram os elementos metodológicos para uma formação acadêmica histórico-crítica no ensino fundamental II (8º ano), assim como, aplicar uma sequência didática, por meio de um laboratório social histórico-crítico para que possa ser disponibilizado como material didático-pedagógico às escolas, à comunidade científica, acadêmica e aos professores.

3 O Texto Literário

A escola é o ambiente natural no qual os alunos entram em contato com o texto escrito. É neste espaço que os estudantes começam a ter acesso às mais variadas leituras, tipologias textuais e gêneros textuais.

De acordo com Antunes (2009, p. 496), essa ação deve ocorrer:

- Pelo estímulo a uma cultura do livro;
- Pela fartura de um bom e material diversificado de leitura;
- Pela diversidade de objetivos de leitura;
- Pelo acesso fácil e bem orientado a esse material.

Por esse lado, a leitura, com mais compreensão e entendimento, devido ao melhor acesso, torna-se mais viável. Ela é um caminho para a incorporação na sociedade, uma vez que ajuda na ampliação de um bom vocabulário, ajuda na expressão, a escrever corretamente, além disso, ajuda o cidadão a observar opiniões e refletir sobre elas em diversos assuntos importantes na sociedade como: cultura, política, educação, entre outros.

Assim como a leitura é importante, o texto literário se torna fundamental no ensino. O professor de literatura Jouve (2002, p. 66) escreve sobre “os espaços de certeza” e os “espaços de incerteza” que se alternam no decorrer da leitura, quando na interação texto-leitor. Enquanto os “espaços de certeza” são “pontos de ancoragem” da leitura, passagens explícitas de um texto, os “espaços de incerteza” remetem-se às passagens obscuras ou ambíguas que solicitam a participação do leitor para serem decifradas. O escritor Umberto Eco (1979, p. 37) também reflete sobre a interação texto-leitor e mostra que o texto está “entremeado de espaços brancos, de interstícios a serem preenchidos”, espaços deixados propositadamente por quem os emitiu.

Neste estudo surgiu a necessidade de se trabalhar como uma teoria associada ao texto literário. Logo, foi se percebendo a demanda de um estudo ou teoria voltados para a educação do estudante. Um estudo que pudesse auxiliar o aluno no seu processo de leitura e escrita. Para isso, Saviani (2009, p. 59) denominou-a “pedagogia revolucionária”, para, posteriormente, defini-la como “pedagogia histórico-crítica”. Independentemente da nomenclatura, por seu conteúdo, trata-se de uma teoria pedagógica revolucionária, questionando as bases, os fundamentos das pedagogias burguesas, ao mesmo tempo em que propõe uma pedagogia que busca romper com o sistema capitalista. Este é um elemento fundamental para a caracterização que fazemos, pois, a pedagogia histórico-crítica centra-se:

[...] na igualdade essencial entre os homens. Entende, porém, a igualdade em termos reais e não apenas formais. Busca converter-se, articulando-se com as forças emergentes da sociedade, em instrumento a serviço da instauração de uma sociedade igualitária. Para isso, a pedagogia revolucionária, longe de secundarizar os conhecimentos descuidando de sua transmissão, considera a difusão de conteúdos, vivos e atualizados, uma das tarefas primordiais do processo educativo em geral e da escola em particular (SAVIANI, 2009, p. 59).

4 O Laboratório Social Histórico-Crítico

O laboratório social histórico-crítico parte da formação histórico-crítica. Esta formação leva em consideração a falta de hábito de estudos dos educandos, as difíceis condições de existência, principalmente das classes menos abastadas, para propor, no lugar de uma técnica de leitura, um conjunto de procedimentos metodológicos, que possibilitem não só a realização do trabalho acadêmico e profissional, mas também, no trabalho em questão, Sob essa ótica, entende-se que o laboratório social pode auxiliar os alunos da educação básica, mais especificamente, do ensino fundamental II, nesta pesquisa, para a realização da própria formação cultural, enquanto emancipação humana das classes a que se destina.

Para a realização do presente estudo, foi elaborada uma sequência didática de formação histórico-crítica. O lócus de pesquisa foi a sala de aula de uma turma de 8º ano do ensino fundamental II, com uma faixa etária de 12 a 14 anos, em uma classe de 34 alunos no turno da manhã, em uma escola privada- Escola Adventista Altamir de Paiva-, localizada no bairro de São Brás, em Belém do Pará. A escola funciona com educação básica, ou seja, oferta à comunidade a educação infantil, ensino fundamental I e II. O corpo docente com formação em Letras é formado por três (03) professores sendo dois (2) mulheres atuando na área de língua estrangeira e um (1) em língua portuguesa e redação, dentre as três, (2) possuem especialização e um (1) em finalização no curso de mestrado.

A escolha dos participantes ocorreu porque a autora deste trabalho desempenhava a função de docente da turma, assim como, tais estudantes apresentavam dificuldades na leitura e, principalmente, na escrita. A pesquisa foi descritiva e explicativa, de abordagem metodológica histórico-crítica.

5 Percorrendo pela Sequência Didática

Nesta pesquisa, a Sequência Didática construída em um e-book “O Texto Literário: Percorso da Sequência Didática pelo Método Histórico-Crítico”, aconteceu em um período de três (3) semanas, no mês março de 2023. A Sequência Didática, de acordo com Schneuwly, Dolz e Noverraz (2013, p. 97), “é um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito” que tem por objetivo auxiliar os alunos na apropriação de um gênero, ou seja, uma forma de organizar, metodologicamente, de forma sequencial, a execução das atividades, que contribuem para a melhoria da educação, a interação do professor e alunos, em relação aos assuntos propostos pela BNCC e com seu entorno.

A seguir, mais detalhadamente, pode-se ver algumas características da Sequência Didática (doravante SD) consideradas pelos autores supracitados. Antes de tudo: para toda comunicação, existe uma adaptação a essa comunicação. Não se escreve da mesma forma quando se redige uma carta de solicitação ou um conto. Não se fala da mesma forma quando se expõe um trabalho na sala de aula ou se fala à mesa com amigos ou família.

Assim acontece com os textos escritos ou orais que produzimos: eles diferenciam-se uns dos outros, isto porque são produzidos em situações diferentes. Também escrevemos textos com características semelhantes, os quais podemos chamar de tipologias textuais. Alguns gêneros interessam mais à escola como: as narrativas de aventuras, as reportagens, notícias, receitas de cozinha, resumos, dentre outros. Uma SD tem, precisamente, a finalidade de ajudar o aluno a dominar melhor um gênero de texto, permitindo-lhe, assim, escrever ou falar de uma maneira mais adequada numa dada situação de comunicação.

A SD auxilia, pois, para dar caminhos aos estudantes a práticas novas ou mais complexas de domínio e entendimento. Outra abordagem de conceito de SD foi divulgado no Brasil, a partir da obra “A Prática Educativa: como ensinar”, de Antoni Zabala (1998). De acordo com esse autor, SD, ou sequência de atividade de ensino/aprendizagem, é

Uma maneira de encadear e articular as diferentes atividades ao longo de uma unidade didática. Assim, pois, poderemos analisar as diferentes formas de intervenção segundo as atividades que se realizam e, principalmente, pelo sentido que adquirem quanto a uma sequência orientada para a realização de determinados objetivos educativos. As sequências podem indicar a função que tem cada uma das atividades na construção do conhecimento ou da aprendizagem de diferentes conteúdos e, portanto, avaliar a pertinência ou não de cada uma delas, a falta de outras ou a ênfase que devemos lhe atribuir (p. 20).

Em outros termos, a SD ocasiona em atividades continuadas o propósito de atingir o objetivo de ensino na unidade de ensino. Toda SD, segundo Zabala (1998), tem fases que compreendem o conteúdo a ser trabalhado, o envolvimento dos alunos e professores, concepção de aprendizagem e avaliação. Em função das intenções educacionais estabelecidas, uma SD pode ser organizada com características mais próximas do ensino tradicional ou não. Na perspectiva do autor, uma sequência didática deve remeter à construção de conhecimento, característica inerente ao ensino produtivo, defendido por ele.

Bezerra (2002), seguindo, inicialmente, esse conceito, amplia-o, ao defender um ensino produtivo de leitura e escrita em língua materna, associado a práticas e eventos de letramento, de tal forma que os textos produzidos pelos alunos não se configurem, por exemplo, como um objeto didático, simplesmente, mas ultrapassem os muros da escola, tendo interlocutores variados .

6 Aplicação da Sequência Didática



No 1º momento da execução foram estabelecidos :

- Objetivo: Estabelecer relações entre o lido e o conhecimento de mundo;
- Tempo estimado: (1 aula) 45 min;
- Recursos: Apostila.

Esse primeiro movimento técnico de estudo de acordo com Maciel e Braga (2008, p. 10) “[...] é composto de uma primeira leitura para reconhecimento e visão de totalidade do texto, da imprescindível pesquisa interdisciplinar sobre a fundamentação epistemológica e o contexto histórico-cultural do texto [...]” que se desenvolve predominantemente no sentido leitor-autor e do texto para o esquema, conforme ilustra a Figura 1.

Figura 1 – Demonstrativa da Mediação Pedagógica Leitor- Autor



Fonte: Maciel e Braga (2008).

Com a finalidade de possibilitar a troca de impressões e entendimento sobre a leitura, partiu-se do pressuposto de que essa atividade focalizaria a reflexão crítica acerca de problemáticas sociais. Foi conversado, previamente, com a turma para entenderem o contexto e tempo em que foi escrito o texto literário (conto), assim também, como as informações gerais sobre o autor Monteiro Lobato.

Durante e após a leitura do texto, seus elementos presentes como: personagens, cenário, tempo e temática foram discutidos e refletidos. A leitura foi coletiva, alguns alunos leram (em voz alta) o texto, e a professora continuou a leitura, que durou mais ou menos uns sete minutos, pois o texto era um pouco extenso, o que não impediu que os estudantes ficassem atentos na audição do conto.

Como foi uma única aula de 45 minutos, não foi possível realizar um exercício sobre o texto. Ainda assim, eles ficaram atentos à leitura, porém algumas dificuldades foram notadas como: falta de motivação para realizar as leituras individuais, dificuldade em compreender algumas partes do texto (palavras desconhecidas). É importante ressaltar que esse material foi criado pela autora utilizando o texto literário com uma imagem relacionada a ele, em seguida elaborada uma apostila de leitura para os alunos.

Foto 1- Texto Negrinha:

 Aluno: _____ Série/Turma: _____ Nº: _____
Data: _____ Visto do Coordenador Pedagógico: _____
Objetivo: _____ Habilidade: _____

Questão 1
Língua Portuguesa e Produção textual

NEGRINHA



Negrinha era uma pobre órfã de sete anos. Preta?? Não. Fusca, mulatinha escura, de cabelos ruços e olhos assustados.

Nascera na senzala, de mãe escrava, e seus primeiros anos de vida, vivera-os pelos cantos escuros da cozinha, sobre farrapos de esteira e panos imundos. Sempre escondida, que a patroa não gostava de

em suma — "dama de grandes virtudes apostólicas, esteio da religião e da moral", dizia o padre.

Ótima, a D. Inácia.
Mas não admitia choro de criança. Ai! Punha-lhe os nervos em carne viva. Viúva sem filhos, não a calejara o choro da sua carne, e por isso não suportava o choro da carne escrava. Assim, mal vagia, longe na cozinha, a triste criança, gritava logo, nervosa:
— Quem é a peste que está chorando aí?
Quem havia de ser? A pia de lavar pratos?? O pilão??
A mãe da criminosa abafava a boquinha da filha e corria com ela para os fundos do quintal, torcendo-lhe em caminho beliscões desesperados:

— Cale a boca, peste dô diabo!!
No entanto, aquele choro nunca vinha sem razão. Fome quase sempre, ou frio, desses que entanguem pés e mãos e fazem-nos doer...

Assim cresceu Negrinha — magra, atrofiada, com olhos eternamente assustados. Órfã aos quatro anos, ficou por ali, feita gato sem dono, levada a pontapés. Não compreendia a idéia dos grandes. Batiam-lhe sempre, por ação ou omissão. A mesma coisa, o mesmo ato, a mesma palavra provocava ora risadas, ora castigos. Aprendeu a andar, mas não andava, quase. Com pretexto de que, às soltas, reinaria no quintal, estragando as plantas, a boa senhora punha-a na sala, ao pé de si, num desvão de porta.

— Sentadinha aí, e bico!! Hem??
Negrinha imobilizava-se no canto, horas e horas. — Braços cruzados, já, diabo!!
Cruzava os bracinhos, a tremer, sempre com o susto nos olhos. E o tempo corria. O relógio batia uma, duas, três, quatro, cinco horas — um cuco tão engraçadinho!
Era seu divertimento vê-lo abrir a janela e cantar as horas com a bocarra vermelha, arrufando as asas. Sorria-se, então, feliz um momento.

Fonte: Elaborado pela autora (2023)



Já no 2º momento discutimos também:

- Objetivo: Ampliar a visão do texto por meio de pesquisa multidisciplinar;
- Tempo estimado: (2 aulas) - 90 min).
- Recursos: Notebook, internet, sala da biblioteca, smartphone, dicionário, caderno, caneta, lápis.

O foco desta leitura rápida deve estar centrado no destaque de todas “as expressões desconhecidas: palavras, conceitos, dados, fatos, teorias, autores”, de acordo com Maciel e Braga (2008). É claro que isto não deve restringir a atenção do leitor para a forma de como o autor expressa o que pensa. Posto isto, como afirmam Maciel e Braga (2008), tem-se a necessidade de uma boa preparação dos estudos com a revisão gramatical da língua portuguesa, por meio da leitura de autores-referência das diversas escolas literárias. Dos procedimentos predominantemente manuais da primeira leitura, tem-se a próxima leitura: a pesquisa multidisciplinar, de natureza bibliográfica e documental. Este é o primeiro grande momento do processo histórico-crítico. Porque não deve ficar reduzida à busca pragmática de significados etimológicos ou epistemológicos em dicionários, ainda que muitos assim o procedam.

Como explicam Maciel e Braga (2008, p. 11):

A pesquisa multidisciplinar (bibliográfica e documental), ou simplesmente pesquisa de esclarecimento, deve se constituir num momento de formação politécnica, no sentido em que este conceito aqui é empregado: o de potencializar as múltiplas faculdades humanas, através do processo de apreensão das diversas naturezas das áreas em investigação, proporcionadas pelos itens destacados.

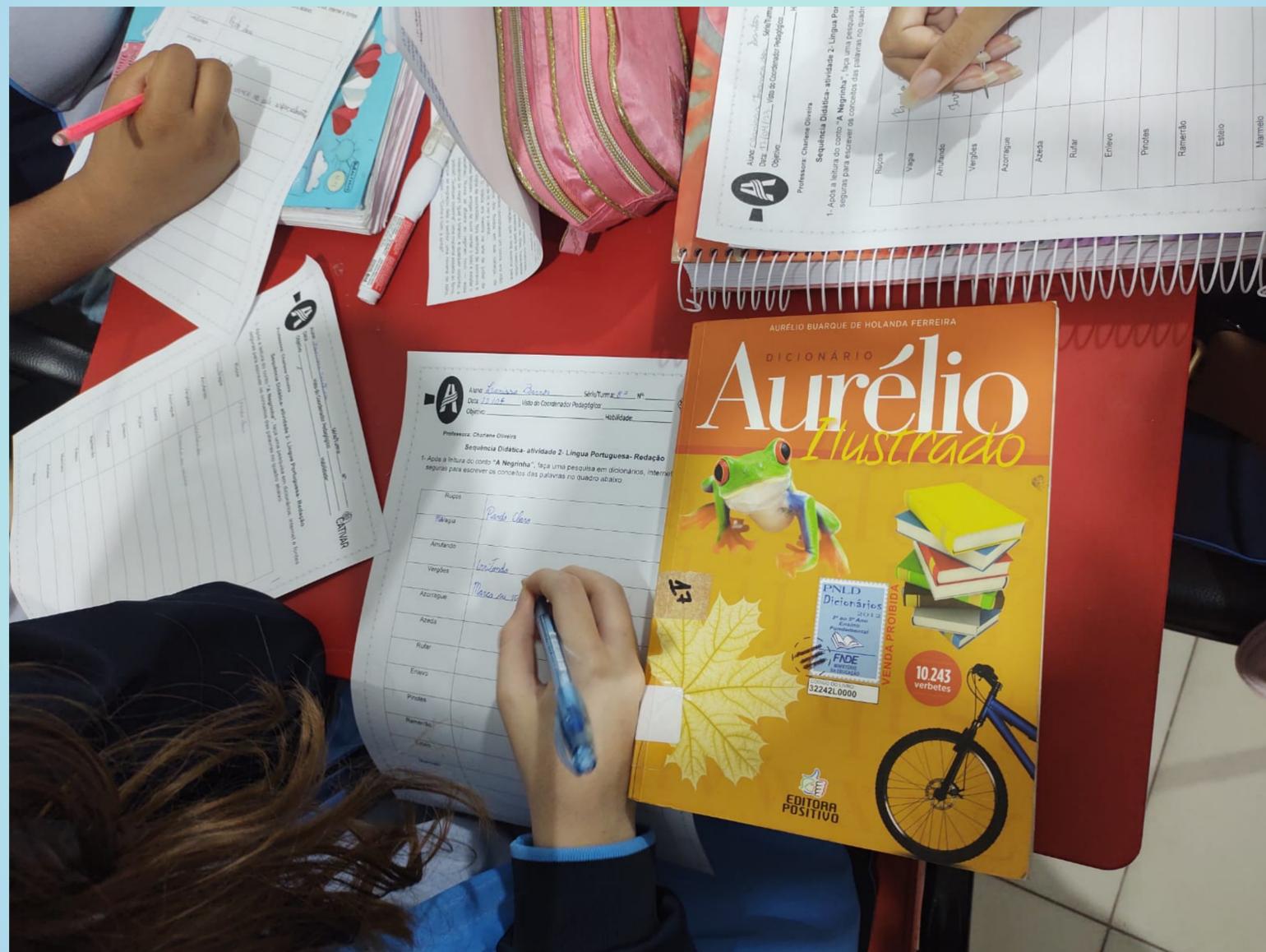
Essa preparação servirá para o retorno ao texto original, de cuja leitura, a segunda, resultará o esquema lógico, conforme está ilustrado na Figura 2.

Figura 2 – Demonstrativa do Processo de Estudo Acadêmico



Fonte: Maciel e Braga (2008).

Foto 2- Pesquisa Multidisciplinar



Fonte: Elaborado pela autora (2023)



No 3º Momento destacamos:

- Objetivo: identificar e fixar elementos e palavras importantes do texto por meio da tecnologia;
- Tempo estimado (2 aulas) 90 min;
- Recursos: notebook, internet, sala de biblioteca, smartphone, tabletes da escola.

Este momento, apesar de não fazer parte, na íntegra, do método (H.C), contudo, apresenta algumas características dele, pois a utilização de jogos digitais como recurso para ministrar a aula foi uma maneira de reforçar o método, uma vez que os estudantes se identificam com jogos digitais e tecnologias, a autora Rojo (2013, p. 7) a esse respeito afirma que as escolas devem preparar a população para uma prática cada vez mais tecnológica.

Como os alunos já conheciam e gostavam, foi escolhida a plataforma digital “Quizizz” (disponível em <https://quizizz.com/?lng=pt-BR>). O “Quizizz” é uma plataforma de elaboração e aplicação de testes (quizzes) que envolvem perguntas e respostas de múltipla escolha, na qual é possível ajustar o tempo de resposta. Assim, foi proposto questões relacionadas ao conteúdo trabalhado em sala de aula, (o texto literário). O questionário construído teve perguntas relacionadas ao texto “Negrinha” (utilizado desde o início do método). Algumas perguntas levaram em conta a instrução dos alunos a respeito da pesquisa multidisciplinar orientada pelo Método histórico-crítico, a exemplo disso, busca de conceitos de palavras. Já outras, diziam respeito ao autor da obra e ao enredo. Ao todo foram construídas dez (10) perguntas no questionário do “Quizizz”. Alguns recursos como: notebook, internet, sala de biblioteca, smartphone, tabletes da escola foram disponibilizados aos alunos nessa aula que durou 90 minutos.

Foto 3- Atividades no Quíziizz



Fonte: Elaborado pela autora (2023)



No 4º momento discriminamos:

- Objetivo: Registrar as partes mais importantes do texto em frases curtas (esquema);
- Tempo estimado (2 aulas) 90 min;
- Recursos: Caderno, canetas, lápis e apostila.

O objetivo dessa aula foi registrar as partes mais importantes do texto em frases curtas (esquema). Foi explicado aos alunos o que era um esquema. Em seguida eles receberam um material impresso com as características e conceitos do assunto, assim também como perguntas básicas da história do texto “A Negrinha” de Monteiro Lobato. Os alunos fizeram os esquemas em frases curtas. Cada frase correspondia a uma parte importante da história.

Os alunos relataram que com o esquema ficava mais fácil reescrever o texto. Porém, uma aluna relatou que, se fosse preciso reescrever o texto a partir dele (esquema), ela não conseguiria. Os alunos que tiveram mais dificuldade em realizar tal atividade foram os que faltaram no dia da leitura do conto. Já os alunos que participaram da leitura inicial do conto, conseguiram responder rapidamente o esquema.

Foto 4- Esquema do Texto Literário

ordem que se pede.

- Escreva o fichamento em frases curtas e anote com suas palavras o que for solicitado.
- Escreva como se tivesse contado a história e não respondendo às perguntas.

- 1- Quem era Negrinha? Descreva algumas características. (resuma)
- 2- Onde e com quem Negrinha morava?
- 3- Como D. Inácia tratava Negrinha? Explique.
- 4- Como Negrinha cresceu?
- 5- Qual era o divertimento de Negrinha na maior parte do tempo?
- 6- Por que D. Inácia gostava de judiar de Negrinha?
- 7- Qual foi uma das piores maldades que dona Inácia cometeu com Negrinha? Relate o fato em poucas palavras.
- 8- Que outros personagens entraram na história trazendo momentos de encantamento à vida de Negrinha?
- 9- Que objeto passou a fazer parte da vida de Negrinha que a deixou tão feliz por um pequeno tempo?
- 10- Depois de ler o final da história, que outro final você daria para esse conto?

1-	Negrinha era uma orfã, negra com cabelos ruços
2-	a menina morava com a mãe Inácia
3-	a D. Inácia tratava a negrinha muito mal
4-	Negrinha cresceu sofrendo agressões.
5-	era um relógio eucá
6-	Por causa da cor da pele
7-	Jogar o ovo cru no rosto dela
8-	as crianças Brancas
9-	a boneca que ela
10-	que ela encontraria uma família que amasse ela

Fonte: Elaborado pela autora (2023)



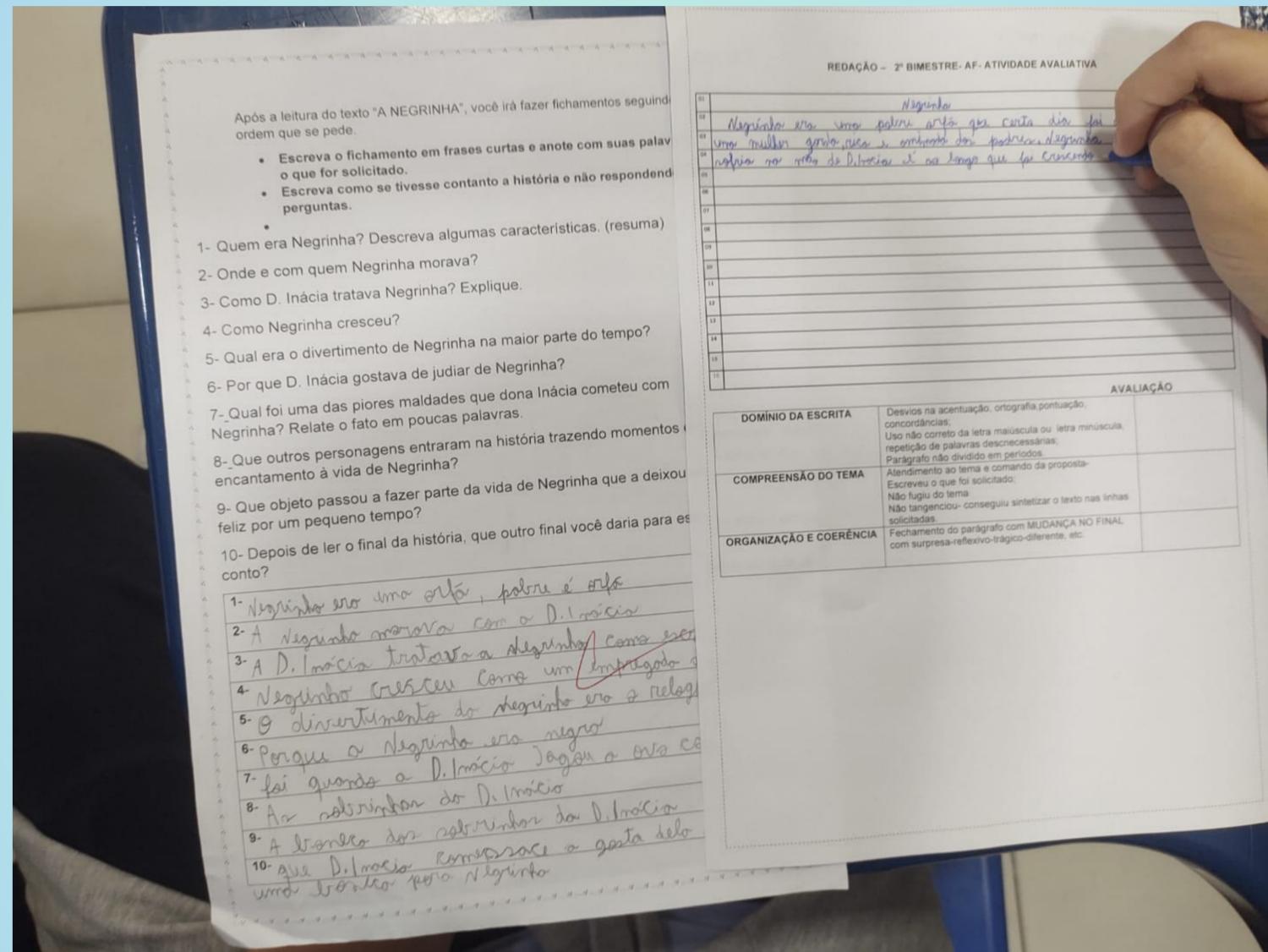
Já no 5º momento:

- Objetivo: Reescrever o conto A Negrinha
- Tempo estimado (2 aulas) 90 min;
- Recursos: Caderno, canetas, lápis e apostila.

O objetivo dessa aula foi de reescrever o conto “A Negrinha”. Foi lido e explicado aos alunos como seria a reescrita do conto. Em seguida, foi entregue a eles duas folhas. Uma com o esquema feito por eles da atividade da aula passada e outra com a folha de reescrita. Nesta última, os estudantes foram orientados a ler os comandos da reescrita, pois se não tivesse tal comando, eles fariam de qualquer maneira, alguns ficariam perguntando como se deve fazer, entre outras perguntas. Então, alguns comandos e direcionamentos foram: manter o título original ou mudar conforme a imaginação, escrever com no mínimo 8 linhas e máximo 16, realizar uma síntese da história em 3 parágrafos e criar um final diferente do original do conto. Além disso, eles deviam se guiar pelo esquema (as principais ideias escritas por eles, em uma atividade passada).

Neste quinto momento os alunos tiveram dúvidas sobre divisão de períodos e parágrafos. Tiveram dificuldade de resumir a história mantendo ideias repetitivas na introdução e desenvolvimento. Muitos conseguiram reescrever o texto com a ajuda das anotações do esquema. Lembrar das partes da história foi uma das dificuldades, pois nessa atividade não estavam todas as informações. Percebeu-se também a necessidade de criar os parágrafos, para Garcia (2000, p. 112) “há parágrafos de uma ou duas linhas como os há de página inteira”, vale dizer, que neste caso, diversos estudantes não têm o senso de proporção de parágrafo, sua estrutura, extensão e muito menos identificar ou criar a ideia central. Ao final desta atividade criar um final diferente para o conto foi uma dificuldade percebida de alguns alunos. Essa aula aconteceu em um tempo de 90 minutos com materiais em apostila, caneta, lápis.

Foto 5- Reescrita Textual



Fonte: Elaborado pela autora (2023)



O 6º e último momento:

- Objetivo: Recontar o conto de maneira criativa;
- Tempo estimado (2 aulas) 90 min;
- Recursos: Caixas de papelão, papéis coloridos, canetinhas, desenhos, figuras recortadas da internet, cola, tesoura, fitas adesivas.

Nesta aula, foi perceptível a criatividade, a sensibilidade e o cuidado dos estudantes. Eles se organizaram em grupos para criarem a história do conto em caixas de papelão. Um ponto importante a comentar sobre a aula é que os alunos sentiram dificuldades de criar imagens, alguns trouxeram-nas impressas, a atividade foi realizada em grupos o que proporcionou interatividade.

Foto 5- 6- 7 Criação do conto Negrinha em caixas de papelão

A Negrinha

Negrinha era uma pobre ovejã de cabelos ruços e olhos assustados, ela morava na fazenda de D. Inácia e passava os seus dias nos cantos da cozinha. Ela era muito maltratada naquele lugar, passava fome, levava beliscões e até punições de orelha, D. Inácia era a que mais gostava de fazer isso. Um dia, as sobrinhas de D. Inácia visitaram a fazenda e consigo levaram uma boneca, Negrinha nunca tinha visto uma boneca antes e ficou encantada, D. Inácia teve o coração amolecido ao ver a cena e permitiu que Negrinha e suas sobrinhas brincassem no quintal. Um dia Negrinha faleceu por causa de uma doença, ela morreu triste e solitária, sem ninguém para amá-la.

Por: Larissa Almeida e Mariane Cristina

Fonte: Elaborado pela autora (2023)



Fonte: Elaborado pela autora (2023)



Fonte: Elaborado pela autora (2023)

7 Resultados e discussões

A análise da pesquisa está baseada na proposta de uma técnica de sequência didática a partir do Processo Metodológico de Produção Acadêmica de Técnica de Leitura Analítica Severino (2002), Processo Metodológico Histórico-Crítico de Produção Acadêmica Maciel e Braga (2008) e Maciel (2023) ancorado na perspectiva histórico-crítica. Foram seis momentos divididos em 11 aulas distribuídas em praticamente três semanas.

Algumas situações comprometeram a 1ª aula: o fato do texto literário ser extenso e a falta de ânimo para realização da leitura, uma vez que a leitura teve que se fazer presente por todos, inclusive pela professora. Após a insistência, a leitura coletiva, os comentários da história, os estudantes conseguiram compreender a totalidade do texto como o método orienta. Outros dois acontecimentos que considero importante foram na 2ª e 3ª aula. A pesquisa multidisciplinar não ficou reduzida à busca pragmática de conceitos de palavras, mas gerou discussões, curiosidades, convergências e divergências a respeito de determinadas palavras. O fato de terem ido em busca de sites de pesquisa especializados foi algo novo para a turma, uma vez que a grande maioria deles conheciam somente o Google como site de pesquisa.

Outro acontecimento interessante e válido foi o momento da utilização do jogo digital. Não imaginava que eles respondessem rapidamente e corretamente as perguntas contidas no jogo a respeito do texto literário. Essa aula foi, na realidade, a continuação da aula anterior, pois as perguntas foram geradas a partir da pesquisa multidisciplinar da aula anterior, o que facilitou e fez com que os alunos lembrassem o que tinham pesquisado.

A última atividade foi favorável em relação a interatividade, uma vez que os estudantes se reuniram em grupos para a montagem do conto em caixas. Essa ação decorre do princípio da politecnia, concebido por Maciel (2005, 2007, apud MACIEL; BRAGA, 2008, p. 9), “um processo de desenvolvimento integral das faculdades humanas, tratando equilibradamente racionalidade, habilidade, sensibilidade e sociabilidade”.

Na execução desta SD percebeu-se que os estudantes puderam vivenciar a prática literária a partir da leitura quanto da escrita do texto. O interesse dos alunos no texto literário e na descoberta do autor (Monteiro Lobato), demonstra que o docente deve investir tanto na exploração de diferentes gêneros e textos literários quanto em novos empreendimentos metodológicos.

8 Considerações finais

A partir dos resultados obtidos na pesquisa notou-se que o objetivo deste produto foi alcançado, uma vez que a finalidade dele foi de apresentar os resultados de uma sequência didática em um e-book com referências metodológicas histórico-crítica que demonstra, técnica de leitura, de pesquisa, de esquemas, reescrita ou de elaboração em um processo pedagógico potencializador das múltiplas faculdades humanas.

O produto dialoga com a pesquisa, ainda que, no primeiro momento, na leitura global, alguns alunos tenham obtido dificuldades, não implicou na validade da teoria, pois esta ofereceu elementos necessários à sequência didática quanto ao uso do texto literário nas aulas de língua portuguesa, além disso, a legitimidade da teoria manifestou-se em grande parte da SD.

Espero, enfim, ter conseguido iniciar e adaptar o método histórico-crítico na educação básica, já que ele foi criado para os alunos da graduação, considero, pois, um passo possível de estudo, subsídio e aplicação por parte dos professores em direção ao ensino elaborado, sistematizado e crítico-transformador.

Referências

- ANTUNES, I. **Língua, texto e ensino: outra escola possível**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- BEZERRA, M. A. Por que cartas de leitor na sala de aula? In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (org.). **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 208-216.
- ECO, U. **Lector in fabula**. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- GARCIA, O. M. **Comunicação em prosa moderna**. 23. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2000.
- JOUBE, V. **A leitura**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- MACIEL, A. C.; BRAGA, R. M. Politecnicidade e emancipação humana: uma metodologia para a formação histórico-crítica na universidade. In: AMARAL, N. F. G.; BRASILEIRO, T. S. A. (org.). **Formação docente e estratégias de integração universidade/escola nos cursos de licenciatura**. São Carlos-SP: Pedro & João; Porto Velho: EDUFRO, 2008. p. 203-217.
- NIEMEYER, O. Conversando com o meu sócio. **Isto é**, Rio de Janeiro, n. 1973, p. 42-43, ago. 2007.
- ROJO, R. (org.). **Escola Conectada: os multiletramentos e as TICS**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.
- SAVIANI, D. **Educação: do senso comum à consciência filosófica**. Campinas: Autores Associados, 2009.
- SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J.; NOVERRAZ, M. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. (org.). **Gêneros orais e escritos na escola**. Trad. e org. de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. 3. ed. Campinas: Mercado de Letras, 2013. p. 81-108.
- SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 22. ed., São Paulo: Cortez, 2002.
- ZABALA, A. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: ArtMed, 1998.